

# A GUERRA DA BAILAIIADA

A EPOPÉIA  
DOS  
GUERREIROS  
BALAIOS  
NA VERSÃO  
DOS OPRIMIDOS.



**CCN-MAY**

Pela nossa  
organização  
Política  
Cultural

**1992**

ANO DO SESQUICENTENÁRIO DA MORTE DO NEGRO COSME

A GUERRA DA BALAIADA  
(A EPOPEIA DOS GUERREIROS BALAIOS  
NA VERSÃO DOS OPRIMIDOS)

AUTOR: Magno Cruz

Dá licença rapazeada  
Que eu aqui vou relatar  
(Prestem muita atenção!)  
Pra depois poder contar  
Pois aconteceu no Maranhão  
No Piauí e Ceará

Foi em mil e oitocentos  
No ano de trinta e oito  
Quando explodiu a Balaiada  
Com muitos cabras afoitos  
Pra agarrar a burguesada  
E (ó) cortar-lhe o pescoço

Era o tempo do "pega"  
E muita discriminação  
Pobre era recrutado  
Ou parava na prisão  
Caso ele revoltado  
Não servisse a opressão

Unindo valentes vaqueiros  
Raimundo Gomes vieira  
Na Vila da manga chegou  
Assaltando a cadeia  
A toda nação brasileira  
Um manifesto gritou

Exigia a revogação  
Da dita Lei dos Prefeitos  
Aos revoltosos anistia  
Justiça aos prisioneiros  
E para as tropas garantia  
De pagamento em dinheiro

Reivindicava liberdade  
Criticava o preconceito  
Queria total expulsão  
Dos lusitanos solteiros  
Transformava ~~o~~ em ação  
O blá-blá politiqueiro

Brigavam "bentivis" e "cabanos"  
Na política do maranhão  
Briga de jornal (lero-lero)  
Vejam a comparação:  
Briga de Zé Sarney e castelo  
Pra enganar zé povão

A Província naquela época  
Tinha problemas sociais  
sofriam caboclos e negros  
Com os preconceitos raciais  
Fome, "pega", desemprego  
Tudo consta nos anais

Manuel Francisco dos Anjos  
De "Balaio" apelidado  
Era pobre e lavrador  
E teve o nome manchado  
Então na guerra entrou  
Pra se vingar dos soldados

Veterano de outras guerras  
O chefe índio Matroá  
Aderiu à **Balaiada**  
E como líder foi lutar  
Tendo menção destacada  
Na luta do libertar

A participação das mulheres  
É bom senso não esquecer  
Escondiam os revoltados  
Davam a eles o que comer  
Enganando os soldados  
Que queriam os prender

Corria por essas bandas  
Revoltas e insurreições  
A massa escrava fugia  
Pra formar quilombações  
Em Itapecuru, Codó, Caxias  
Turiaçu e Guimarães

É preciso contar direitinho  
Para ninguém se enganar  
A rebeldia dessa negrada  
Lutando pra se libertar  
Foi antes da **Balaiada**  
Pelo Norte se espalhar

Esses negros organizados  
Chamados de quilombolas  
Viram na **Balaiada**  
Que era chegada a hora  
Da liberdade sonhada  
Renascer naquela aurora

**Cosme Bento das Chagas**  
Logo então se destacou  
E lá de Lagoa Amarela  
Três mil negros liderou  
E com tal valentia cega  
A **Balaiada** engrossou

Tutor das Liberdades Bentivis  
Negro Cosme foi chamado  
Homem muito inteligente  
Procurou ter aliados  
Entre toda pobre gente  
Entre todos EXPLORADOS

Negros livres e aquilombados  
Até comerciantes pequenos  
Vaqueiros e lavradores  
Aderiram ao movimento  
A Revolta meus senhores  
Foi o povo desse tempo

A guerra cresceu tanto  
Invadindo até Caxias  
Implantando a igualdade  
Coisa que nunca se via  
Foi a riqueza da cidade  
Entre os pobres dividida

Os negros felizes cantavam  
Sorrisos abertos e francos  
"Balaio chegou / Balaio chegou  
Cadê branco?  
Não há mais branco  
Não há mais sinhô"

Na cidade de São Luís  
Os "bentivis" amedrontados  
Se juntaram aos "cabanos"  
Passando pro outro lado  
Sem ser por baixo dos panos  
Deixaram de ser mascarados

Foi então que o Regente  
Providências veio tomar  
Chamou Luis Alves de Lima  
E lhe pôs de tudo a par  
Da guerra de Norte acima  
E era pra cacetar

Luis virou presidente  
Da província do maranhão  
Com poder e muita banca  
Iniciou a repressão  
Jogando pessoas brancas  
Contra os negros em ação

Mais de dez mil mortes  
Mulheres, velhos, crianças  
Foi o saldo tenebroso  
Daquela cruel matança  
E o "Pacificador" orgulhoso  
Da nefasta aventura

Na Anistia acreditando  
Matroá velho e cansado  
Foi morto ao se entregar  
Raimundo Gomes , coitado  
Foi pelo Duque deportado  
E "morreu" no viajar

Mostrando muita bravura  
Cosme na luta insistiu  
Perseguido por todo lado  
Muitas vezes ele "sumiu"  
Deixando o Duque danado  
Chamando-o de negro vil

A caça ao Negro Cosme  
Um dia chegou ao fim  
No Combate de Calabouço  
Na Região do Mearim  
Lutando feito um louco  
Foi aprisionado enfim

Da cadeia de Itapecuru  
Para a cidade de São Luís  
Cosme então foi enviado  
E o povo ainda diz  
Ele foi o maior do Reinado  
Das Liberdades Bentivis

No ano de quarenta e dois  
De volta a Itapecuru  
Negro Cosme é enforcado  
Na antiga Praça da Cruz  
Deixando porém marcado  
A valentia que faz juz

Na história que tem nos livros  
Escritos pela burguesia  
Cosme é o grande bandido  
(Ora vejam, quem diria!)  
E Luis, racista assumido  
E' o herói Duque de caxias

Contei parte da Balaiada  
E da bravura daquela gente  
Há muito o que contar  
Da lição desses valentes  
Cosme, Balaió e Matroá  
Pois quem luta sempre vence

A luta não terminou  
Pois a exploração continua  
Vamos ser os novos balaios  
E sairmos todos às ruas  
Gritando contra os lacaios  
**NINGUÉM NOS VENCERÁ E A BALAIADA CONTINUA!**

INFORME-SE MAIS SOBRE A NOSSA HISTÓRIA  
CONSULTE A BIBLIOTECA DO C.C.N.

"Estude, as nações que desprezam a  
história, estão condenadas a repe  
tir suas tragédias."

APOIO:

Projeto VIDA DE NEGRO DA SMDDH  
STIU-MA.  
CURSO APROVAÇÃO